

A PRESENÇA DAS MULHERES MIGRANTES E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO EM ROLIM DE MOURA – RONDÔNIA

Maria Aparecida da Silva¹
cidaselhorst@yahoo.com.br

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Odete Burgeile²
odetebur@gmail.com

Universidade Federal de Rondônia - UNIR

RESUMO

O presente trabalho tem o propósito analisar o papel das mulheres no processo migratório e procura debater a influência das mesmas na construção da história de Rolim de Moura desde suas origens, ou seja, entre as décadas de 1970 e 1980. O intuito é expor a importância destas migrantes no processo migratório de diferentes regiões brasileiras para este município. A investigação sobre a história deste grupo específico deu-se a partir da Metodologia da História Oral, da Roda de Conversa e do método autobiográfico. Ambas norteadas pelas entrevistas e aplicação de questionários. Além do mais, foi fundamental a pesquisa descritiva e a documental com interesse de preservar ideias individuais e coletivas que vem conduzindo tal processo que vem ocorrendo desde 2010 na região de Rolim de Moura, capital da Zona da Mata do Estado de Rondônia. Local que se tornou espaço de homens e mulheres que vieram em busca de terras e que teria se originado a partir de um núcleo essencialmente rural. Os resultados da pesquisa indicam que inúmeras atividades foram desenvolvidas pelas mulheres migrantes e seus papéis variam de acordo com o grau de ocupação no que se refere à abertura das terras, na ocupação de vagas no setor comercial e na educação rolimorense. Além dos mais os dados obtidos partem dos olhares femininos das migrantes entrevistadas e suas expectativas na realização dos sonhos, não delas, mas dos filhos e esposos, ou seja, as perspectivas sempre estiveram vinculadas aos laços familiares.

¹ Professora da SEDUC – EEEFM Priscila Rodrigues Chagas – Rolim de Moura – RO e aluna do Mestrado em História e Estudos Culturais da UNIR – Universidade Federal de Rondônia.

² Professora Doutora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Rondônia – Campus de Porto Velho.

Palavras-chave: Migração; Mulheres; História; Terra; Rolim de Moura.

INTRODUÇÃO

O artigo ora exposto denominado “A presença das mulheres migrantes e seu papel na educação em Rolim de Moura – Rondônia” é parte da pesquisa em andamento sobre a migração para esta região nas décadas de 70 e 80 e o multiculturalismo que veem se constituindo ao longo do tempo.

Com o objetivo de analisar o papel das mulheres no processo migratório, o presente trabalho procura debater a influência das mesmas na construção da história de Rolim de Moura desde suas origens no período já indicado. A pesquisa pautou-se na investigação sobre a história da migração a Rolim de Moura, tendo em vista um levantamento bibliográfico que posteriormente foi revisado. Entre as bibliografias e outras fontes selecionadas destacou-se Kemper (2002), Revista Ideias & Fatos (1998-2000), Amaral (2004), Del Priori (2000-2002), Neves (2000), Saffioti (2013) e Constituição Federal de 1988.

O estudo pautou-se na Metodologia da História Oral que Neves (2000, p. 112) diz “ser uma produção orientada para a produção de testemunhos históricos, contribui para evitar o esquecimento e para registrar múltiplas visões sobre o que passou.” Além do mais, optou-se pela atividade denominada Roda de Conversa que Petit (2012, p. 1-2) descreve como sendo uma conversação grupal ou diálogo, com participação de diferentes pessoas agrupadas em círculo, tendo como ponto os motivos que trouxeram para Rolim de Moura os (as) doze (12) migrantes depoentes e participantes. Outras técnicas utilizadas foram o método autobiográfico e respostas relatadas individualmente defendidas por Montenegro (2007, p. 21) “como variações do trabalho de história oral”, sendo, portanto, conduzido pelo método de pesquisa descritiva dos dados obtidos, via entrevistas, pesquisa documental e aplicação de questionários. Esta última ferramenta, foi entregue as vinte (20) mulheres migrantes selecionadas, evidenciando a preocupação com as informações obtidas e relacionando-as constantemente com os referenciais teóricos sobre o referido tema.

Complementando as informações obtidas com as técnicas aplicadas, foi primordial o acesso ao acervo fotográfico da família Tassi e Silva que reside em Rolim de Moura desde 1976 e um site que expõe fotos da história de Rolim de

Moura, pois Le Goff (1996, p. 466) “*as fotografias dispostas em ordem cronológica evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados*”.

Pinsky (2009, p. 09) diz que seja qual for o documento ele “*é a base para o julgamento histórico*” conduzindo sempre a investigação científica. Isto significa dizer que houve uma coletânea de dados e que para Marc Bloch (2001, p. 70) “*toda coletânea de coisas vistas é, uma boa metade, de coisas vistas por outro*”.

Porém, nada foi possível sem a memória coletiva em ação. Halbwachs (2008, p. 31) salienta que este elemento é fundamental, pois as migrantes através de “*suas lembranças descrevem com muita exatidão fatos e objetos, reconstituindo os atos e palavras em circunstâncias definidas por meio dos testemunhos*” de cada pessoa envolvidas nas atividades propostas.

Cabe ressaltar aqui que o trabalho está subdividido nos seguintes subtemas: Rolim de Moura: espaço de homens e mulheres em busca de terras, a cidade de Rolim de Moura e suas origens, atividades e papel das mulheres na abertura das terras, a mulher e a educação: um processo de aprendizagem, outros olhares femininos e as expectativas femininas.

1 ROLIM DE MOURA: ESPAÇO DE HOMENS E MULHERES EM BUSCA DE TERRA

A migração para Rolim de Moura está diretamente vinculada ao processo migratório para Rondônia, pois integra o PIC Gy–Paraná, o qual assentou milhares de camponeses que se aglomerada em áreas que compõe os municípios de Cacoal, Pimenta Bueno, Ji-Paraná e Vilhena. Estas localidades não disponibilizavam mais de terras, haja vista, que em boa parte delas estavam em mãos de fazendeiros, neste caso as áreas próximas a BR 364. As áreas distantes eram destinadas aos agricultores sem técnica para trabalhar em terras localizadas nas áreas centrais do estado. Aqueles que não conseguiram lotes agrícolas nos referidos municípios recebiam terras em outros locais longínquos, em Machadinho do Oeste, por exemplo.

Aliás, a BR 364, que em sua origem recebeu o nome de BR 029 e, também, denominou-se Rodovia das Onças e da Integração, foi o caminho que trouxe

inúmeras famílias que passaram longos dias de viagem na estrada. Geralmente levava-se de 05(cinco) a 08 (oito) dias do local de origem de viagem até chegar a Rondônia. Diversas situações tinham que ser superadas. Calor escaldante, atoleiros de areia ou lamaçais em meios de transportes diversos entre os quais os caminhões ‘pau-de-arara’ que traziam de 03(três) a 05(cinco) famílias. Em muitos casos tinham que dividir o espaço com a mudança e até mesmo com animais domésticos.

De acordo com Lourdes Kemper (2002, p. 48), a BR 364 em Cacoal assim, por exemplo, acolhia inúmeros grupos de migrantes. Para ela:

A chegada desses primeiros grupos e a construção dos barracos chamava atenção dos que passavam pela BR 364. Muitos caminhões pau – de – arara paravam apenas para que as pessoas conversassem, mas os que aqui estavam tentavam convencê-los a ficar, contando maravilhas, enfatizando que estas eram as melhores terras e que era fácil ganhar ou comprar um lote. (2002, p. 48).

Entretanto, mal sabiam eles, que as terras em torno da BR 364 já tinham seus proprietários definidos. Era necessário sair e buscar terras em locais mais distantes. Indicando que de modo geral sempre foram empregados em fazendas de café, farinheiras, serrarias ou ainda em virtude da família ser grande e o espaço de terra ser mínimo para garantir a sobrevivência. Eles sempre almejavam terras que pelo menos garantisse a base de uma vida digna: terra, moradia, alimentação, saúde, educação, estradas, saneamento básico entre outros requisitos pertinentes. Isso não quer dizer que encontraram tudo organizado.

Pelo contrário, foram eles – homens e mulheres, que abriram as estradas e construíram pontes, escolas, igrejas, etc. Estas transformaram uma área que deveria ser essencialmente agrícola justamente por ser um assentamento rural e não urbano, em uma cidade que indicava prosperidade, conforme afirma o executor do INCRA na época, Sr. Moreira³ em entrevista à Revista Idéias & Fatos (1999-2000).

Realidade que Amaral (2004, p. 58) confirma através de seus estudos em outras áreas de Rondônia “*os próprios colonos passaram a ocupar as terras que eles mesmos iam demarcando ao longo das linhas vicinais.*” Não tinha como esperar uma solução governamental. Tudo estava nas mãos da população que recém

³ “Na realidade foi o povo que criou Rolim de Moura. No projeto do INCRA era só distribuição de lotes rurais. O povo foi chegando, abrindo as picadas até onde deveria ser o lote. Depois é que o INCRA fazia a demarcação topográfica. E esse processo aconteceu tanto na área rural como urbana. Quase não havia ação do governo. A abertura de Rolim de Moura se deu pela ação do povo. O governo não oferecia nenhuma estrutura. As pessoas iam na frente e o governo vinha atrás.” (Galeria dos Pioneiros In Revista & fatos, 1999/ 2000).

chegava à região. Na fala de Selhorst⁴ (2010) isso fica evidente quando ele relata a presença do governador Jorge Teixeira na Linha 164 para solucionar um problema relacionado ao traçado da estrada desenhado por um Engenheiro, autorizado pelo INCRA em 1978, que os próprios agricultores haviam pagado para que pudessem ter um caminho para se chegar aos sítios, já que as estradas só seriam abertas pelas máquinas do governo em 1980.

Aquilo foi rolo que deu ali na linha; porque a entrada não era aquela que tem ali onde está; era prá baixo onde era a entrada da linha mesmo mais ali tinha o rio que cruzava três vezes. Aí virou um rolo, um rolo aí fomos no executor do INCRA; a turma estava fazendo pressão pra cima de mim, pra nossa turma. Aí o executor falou eu vou mandar o governador Teixeirão vim aí; ele vai resolver o problema pra vocês; aí tinha na entrada da linha lá onde é da entrada da linha mesmo era a mãe do 'Zé dos Anjos' que morava na entrada ali. O administrador do começo de Rolim de Moura estava com o governador. Aí ele falou a estrada não vai passar reto não, porque não temos máquina ainda pra isso e essa aqui precisa de máquina pesada. Se um dia chegar fazer as vezes eu não vou fazer, as vezes é outro governador; só que provavelmente vai ficar onde está, porque do jeito que está ali gasta muito dinheiro e aí não é garantido, com enchente pode chegar e estragar tudo de novo, aí vocês fica a pé. (SELHORST, 2010).

As informações que se tem é que a picada da Linha 25 de Agosto findava na linha 172, dali em diante era mata virgem. A continuidade da picada só passou a existir a partir de 1978. Na época das chuvas, o trajeto Cacoal a Rolim de Moura e vice – versa era feito totalmente a pé.

2 A CIDADE DE ROLIM DE MOURA E SUAS ORIGENS

A cidade no início, era um burburinho total, tinha seis rodoviárias, muita poeira, havia 200 serrarias aproximadamente e muita gente. Na fronteira, em Vilhena no caso, as pessoas ouviam dizer que entravam por dia em Rolim de Moura seiscentas (600) pessoas. Naquela época, a energia aparecia das 18 às 24h, quando não quebravam os motores. O setor madeireiro era ativo. Todas as ruas eram de terra batida, sendo que as margens das principais avenidas 25 de Agosto e Norte e Sul havia poucas casas de moradias e alguns comércios. Isto é, existia o básico.

⁴ João Humberto Selhorst, migrante cuja história de vida foi gravada.

Era uma pequena cidade em fase de crescimento com a chegada de muitos migrantes; tinha muita mata. Na ‘cidade’ as casas eram construídas de pau a pique. O centro era uma esplanada de ‘toras’, porque o forte era a madeira. As estradas, as picadas, eram abertas braçalmente. Na realidade, Rolim de Moura não era cidade, era só um ‘patrimônio’ com muita poeira ou lama dependia da época do ano. Mesmo com o fracasso da extração da madeira, a visão em relação ao comércio era otimista, pois, as condições financeiras eram razoáveis.

Ao responder o questionário o casal Oliveira (2010) lembrou-se que aqui chegaram o que expressa falas de outros migrantes, vivenciaram a mesma realidade, entre as décadas de 1970 e 1980:

Rolim de Moura estava começando, as estradas era de chão, as casas eram feitas de tábuas e de chão, a maioria não tinha piso. No centro havia alguns botecos e tinha um bar que era ponto de ônibus, a Igreja Católica já existia era de madeira e nós participávamos das celebrações lá e batizei meus filhos na Matriz porque não havia comunidade nos bairros, surgiram bem depois. E eu sempre morei no bairro São Cristóvão mas minha filha mais velha se deslocava até o centro para estudar; hospital só tinha um e uma ou duas farmácias. O comércio gera em torno da madeira, eram muitas as serrarias, que gerava emprego para a população, até meu marido trabalhou na FRAMA uns três anos, depois passou a ser servidor da Prefeitura Municipal. Os rios eram limpos não havia poluição nas águas e tinha muita mata virgem, no tempo das águas chovia bem mais que hoje. (OLIVEIRA, 2010)

A cidade de Rolim de Moura origina-se da aglomeração de pessoas nas proximidades do Rio Anta Atirada a espera de lotes agrícolas a serem distribuídos pelo órgão competente. O povo constrói a igreja católica e a primeira escola dentro do vilarejo, ambas feitas de taipa e cobertas de tabuinhas. Em entrevista a Revista Idéias & Fatos (1998), Sr. Moreira⁵ afirma que “*A primeira escola, a Pereira da Silva e a Igreja católica surgiram em função da necessidade que os moradores tinham destas entidades. Eles mesmos as construíram.*”

Na realidade, ninguém poderia imaginar que Rolim de Moura, passaria de uma vila sem grande expressão no Estado de Rondônia. Havia um descrédito muito

⁵ Sr. Francisco Ferreira Moreira, nasceu em Aurora, Ceará, veio para Rondônia passando por Ouro Preto D’Oeste, Cacoal e Rolim de Moura. Foi primeiro executor entre 1978\1979 e administrador de Rolim de Moura. Hoje, é Professor Doutor – UNIR, Campus de Rolim de Moura, em entrevista cedida a Revista Idéias e Fatos Ano I nº 2, Dezembro de 1998.

grande em relação à região. Oliveira⁶ (2010) ao relatar fatos sobre a cidade de Rolim de Moura diz que seu cunhado contou um fato ocorrido quando aqui chegou:

Num final de tarde, quando todos se reuniram no acampamento à margem da picada onde hoje é a 25 de Agosto um dos homens que estava no acampamento disse assim 'Ó gente, esse lugar aqui vai ser uma cidade de 4km x 4km, ela vai ser bem aqui, eu sei porque estava junto com o pessoal que veio medir.' Todos riram do rapaz, disse meu cunhado e começaram a dizer em forma de gozação: ali vai ser o Banco do Brasil, mais ali na frente vai ser um mercado, e assim por diante. No dia seguinte, o rapaz, não suportando as "chacotas" deixou o acampamento e foi-se embora. Ao contar-lhe essa história o cunhado de Maria de Fátima acrescentou 'Ele sabia o que estava dizendo. (Entrevista realizada em 2010).

Um dos motivos do descrédito para o crescimento de Rolim de Moura estava em sua localização geográfica fora do eixo da BR 364, mas isso não obscureceu a coragem de homens e mulheres que logo viram por meio do árduo trabalho o surgimento do povoado e nele uma oportunidade de iniciar uma atividade comercial. Aos pouco então, surgem os primeiros comércios – o mercadinho, a farmácia, o restaurante, a mecânica, revenda de baterias e outros pontos comerciais que tem seu apogeu com a extração da madeira por meio das serrarias e posteriormente, o café que ampliou os lucros, tanto para os agricultores quanto para o comércio local.

3 ATIVIDADES E PAPEL DAS MULHERES NA ABERTURA DAS TERRAS

Segundo a afirmação de Amaral (2004, p 105), a esposa do chefe da família trabalhava em atividades domésticas e na criação de pequenos animais no peri – domicílio, enquanto os demais membros da família trabalham na roça. No entanto, esta realidade não se repetia em todo Estado de Rondônia em sua homogeneidade. Pelo contrário, como veremos a seguir, há diferenças no que tange este assunto em detrimento à posição social da mulher, ou seja, havia distinção entre as mulheres que tinham seus afazeres somente no perímetro do domicílio e as mulheres que além destas atividades se desdobravam no trabalho braçal de modo particular no período das colheitas.

A mulher migrante geralmente estava condicionada ao casamento, em seguir as decisões do marido. Onde ele fosse ela deveria ir. Indicando que na

⁶ Maria de Fátima Oliveira é pedagoga e professora universitária e veio com seus pais do Paraná na década de 1970 mais precisamente para Linha 07 em Cacoal.

maioria dos casos que quem pensava e decidia era o homem. A visão das mulheres migrantes em relação às atividades diverge quanto sua situação financeira, principalmente no que condiz ao cuidado dos filhos, enfrentado as dificuldades, morando em barraco, cozinhando em fogão de barro, cuidando e protegendo a família, dos animais domésticos, da horta e também indo ajudar nas colheitas de arroz, café, feijão, etc. Tais atividades consideradas femininas são confirmadas por Del Priore (2000, p.08) *“Junto com os filhos pequenos, cuidavam de quintais, hortas e da criação de animais domésticos, assegurando um mínimo de alimento e renda para a subsistência familiar.”*

Quando os companheiros saíam de casa para abrir o lote a quilômetros de onde residiam, a mulher ficava sozinha. Neste caso, D. Olaídes (1999)⁷ lembra que *“a mulher sofria porque tinha que ficar sozinha. Não tinha recurso. Não tinha energia. Eram as mulheres que enfrentavam tudo com a criança doente e tudo o mais”*.

A mulher era o suporte para os homens, em todos os sentidos: no apoio moral, no sustento e apoio aos filhos, enfim, a mulher foi sustentáculo no processo. Ela desenvolvia todo tipo de atividades, inclusive o trabalho braçal para abrir as propriedades, na lavoura desde o plantio até a colheita das lavouras, ou seja, as mesmas atividades praticadas pelos homens, com poucas exceções. As mulheres exerciam cargos de liderança nas comunidades, neste caso nas pastorais e até na política, lentamente, mas, estão lá. Na educação, as mulheres foram às primeiras educadoras na região, outras já estabeleciam algum tipo de comércio.

Aliás, em entrevista junto a proprietários de uma loja de confecções e calçados, eles afirmaram que as mulheres tem feito muito, são entusiasmadas no trabalho e nos estudos, pois, a mulher está estudando e especializando-se; a parte feminina se preocupa mais com a formação. Ela tem ocupado a cada dia mais trabalhos ditos masculinos, por exemplo, nos postos de gasolina, laminadoras, laticínios e frigoríficos, quando não como bóias-frias na colheita do café e 90% dos crediários estão no nome de mulheres, relata a proprietária de uma loja de confecções e calçados ao responder o questionário aplicado in loco.

⁷ Olaídes Amaral da Silva em entrevista a Revista Ideias & Fatos, 1997.

4 A MULHER E A EDUCAÇÃO, UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Concomitantemente a ocupação da região, houve a preocupação em se construir escolas. E ao se referir ao assunto educação, vale ressaltar que as atividades educacionais é resultado em grande da ação das mulheres guerreiras, que encararam os desafios de ensinar as dos pioneiros que aqui chegaram, enfrentando obstáculos postos, tanto no que se refere à estrutura física e material quanto às limitações de sua própria formação escolar. A adaptação ao meio foi primordial para que houvesse a superação das dificuldades.

Aprender a trabalhar em meio a tantas turbulências, distância da formação e da infraestrutura foi a opção de todas. Era necessário elaborar materiais de acordo com que a natureza oferecia. Então, as cascas e sementes de árvores, como o mogno e cerejeira; terra e serragem de diversas tonalidades, por exemplo, eram utilizados na produção de giz de cera, resultante da tinta extraída era misturada a parafina, sendo esta composição depositada em mangueiras doadas pelos médicos que já tinham se instalado na região.

As agências bancárias repassavam para estas professoras, bobinas de papel usadas em calculadoras. Deste papel surgiam cadernos e papel sulfite, materiais entregues as crianças para que pudessem ter onde copiar os conteúdos trabalhados pelas professoras e produzir seus desenhos.

O treinamento para estas professoras, bem como, o pagamento de seus salários era feito em Porto Velho. Com o passar de alguns anos, Cacoal centralizou as duas atividades, facilitando a vida destas mulheres que andavam a pé, a cavalo, de bicicleta, entre outros meios de transportes, em busca de formação no magistério que pudesse aprimorar a prática pedagógica junto à comunidade escolar.

Tais informações reforçam a ideia de Saffioti (2013, p. 310) quando ela destaca que mesmo havendo na história do Brasil a concentração do elemento feminino em certos ramos do ensino menos valorizados socialmente haja vista que a formação neste campo do saber seria fomentando por uma força social construtiva, focalizando na perspectiva do profissionalizado interligado a prática do papel de mãe a ser estendido até as escolas, mesmo sabendo que o retorno financeiro não garantisse o sucesso almejado.

5 OUTROS OLHARES FEMININOS

Por outro lado, ainda há mulheres como Rocha⁸ (2010) que em função da formação religiosa recebida vê “*O casamento como estado de graça e felicidade*”. Mesmo defendendo a ideia do casamento para toda vida, as coisas foram difíceis. Segundo ela, “*hoje, as mulheres têm o acompanhamento do pré – natal, o chá de bebê, o salário maternidade, a licença maternidade, entre outros benefícios*”. Em sua simplicidade confirma um fato que ocorre com muitas mulheres: a falta de estudo. Chegando a dizer que “*sem estudo a gente está no mundo para ver os outros viver... eu vou fazer de tudo para que minha filha estude*”. (ROCHA, 10.01.2010).

Em síntese, a mulher migrante de Rolim de Moura caracteriza-se como milhares de mulheres em Rondônia e no Brasil que se despojam de sua própria vida em prol dos seus esposos e filhos. Assim como no passado, onde as mulheres circulavam sem medo de ganhar a vida, seguindo seus companheiros na luta pela sobrevivência (DEL PRIORI, 2000, p. 08), as mulheres que vieram para cá tiveram a mesma prática, superando inúmeras dificuldades, tais como a distância e saudade dos familiares que ficaram em sua terra natal, o cuidar dos filhos e dos problemas de saúde sozinhas, enquanto os companheiros iam cumprir a árdua missão de abrir os lotes, o trabalho pesado no campo, conciliado com os afazeres domésticos como frisa a autora⁹ “*na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher*”. (DEL PRIORI, 2000, p. 10)

Na Zona Rural de Rolim de Moura, unir as atividades do lar e o trabalho na roça era prática considerada normal para os padrões da época. Maria Celimar fez esta experiência junto com suas irmãs na Linha 208, lado Sul e relata “*as mulheres desde meninas trabalhavam na roça de segunda a sábado. Pilar arroz era função delas. Elas tinham que lavar roupa na beira do rio.*”

Além destas atividades, todas eram e continuam sendo responsáveis por cuidar de uma pequena horta a volta da casa e da criação de galinhas, na produção

⁸Maria de Lurdes Rocha, alagoana, analfabeta, reside a mais de 25 anos na Linha 164, Km 11, lado Sul. Casou-se aos 36 com Erotides, viúvo e pai de seis filhos. Desta união nasceu Nair, sua única filha que almeja ser Engenheira Agrônoma. Hoje, ela está aposentada, em sua fala deixa claro que até mesmo para sair do sítio onde mora para vir a cidade receber o salário e fazer compras é necessário estar acompanhada pela filha para que possa dizer a ela o preço da mercadoria, por exemplo.

⁹ DEL PRIORI, Mary. Mulheres brasileiras: uma certa história IN 500 anos de Brasil, História e Reflexões. São Paulo: Ed. Scipione, 2000.

de sabão, fazer farinha de mandioca, pilar arroz (DEL PRIORI, 2000, p.16) e café, além de torrar o café, entre outras atividades dependendo da distância que a localidade está do centro urbano. Quanto maior a distância da cidade mais estas atividades eram comuns conforme aponta Souza (2012, p. 133) “*no trabalho agrícola a mulher colabora em praticamente todas as tarefas, ale das intermináveis atividades domésticas e da responsabilidade na educação dos filhos.*”

A situação feminina no campo em Rolim de Moura ficou melhor depois veio à associação rural com a máquina de limpar arroz, quando os cursos ditos femininos, como o de pintura, chegou às comunidades rurais e principalmente com a abertura da comunidade religiosa, que ajudou muito as mulheres. Mesmo assim as atividades masculinas continuavam a ser praticadas por elas. Neste requisito, Del Priore (2002, p. 557) ressalta que as mulheres exerciam um papel muito importante no sistema do colonato.

Mas este não era o único obstáculo. Na época, elas não tinham o poder e direito de adquirir a propriedade de terra e registrá-lo no próprio nome. Esse direito só foi conquistado com a Constituição Federal de 1988, que no Art. 189, parágrafo único quando menciona: “*O título de domínio e a concessão de uso serão conferidos ao homem e à mulher, ou a ambos, independentemente do estado civil, nos termos e condições previstos em lei.*” Deu-se então às mulheres do campo o direito de registrar no seu nome os títulos de propriedade da terra. (DEL PRIORE, 2000, p.17)

A insatisfação se generaliza quando o assunto é atendimento médico, no que diz respeito ao pré-natal, que na época devido à falta de acesso aos meios de comunicação social, a mulher nem sabia que existia este acompanhamento especializado e acabava por não fazê-lo. Cruz (2010), mãe de sete filhos confirma essa informação quando diz:

Nada! Nenhum fez acompanhamento. Nunca fez nenhum ultra-som. Nunca sabia nada. Quando fiquei grávida da Cristiane só fiquei sabendo que eram duas crianças quando nasceu. Nem a parteira sabia que era. Ela que era entendida não falou que era duas. O médico que consultou também não falou que era duas. Nem pediu nada. Não pediu exame nenhum. (CRUZ, 2010, p.50).

Este é somente um exemplo para identificar uma realidade em que muitos partos colocavam em risco a vida da mãe e da criança. Muitas mortes aconteceram justamente por não ter atendimento médico em Rolim de Moura. A melhor alternativa

era recorrer a Cacoal. Nesse meio tempo, a mulher grávida não aguentava e vinha a óbito como relata Tassi (2010):

O mais triste foi que uma vez que a menina da farmácia que tinha. Ela era parteira. A mulher chegou passando mal pra ganhar 'nenê'. Tinha passado da hora. Ela falava: salva pelo menos meu filho. Salva pelo menos meu filho. Ela falava. E não tinha jeito. A parteira tentou de todo jeito e não tinha mais jeito. Ela falou: leva pra Cacoal. Mas, quando chegando, passando mais ou menos perto de Cacoal ela morreu. Foi uma coisa triste. Ela pediu pra salvar o filho dela. Nenhum dos dois. Nenhum escapou. (TASSI, 2010, 45).

Estes casos apresentados expressam bem a situação em que as mulheres se envolveram em nome de uma vida digna. Em busca de terra. Não havia o mínimo de estrutura que pudesse garantir a elas um atendimento pelo menos regular. Elas foram expostas a um mundo desumano. Sem que a própria vida pudesse ser preservada. Sem que muitos sonhos pudessem ser realizados. Muito provavelmente isto esteja ligado ao baixo nível de educação feminina que segundo expõe Saffioti (2013, p. 291) *“em nome da necessidade moral e social de preservação da família, como se esta fosse incapaz de persistir através das mudanças que a evolução social lhe impõe frequentemente”*.

5 AS EXPECTATIVAS FEMININAS

No campo das realizações pessoais as mulheres migrantes se dividem em dois grupos antagônicos. No primeiro classificam-se as mulheres agricultoras aposentadas e uma dona de casa com Ensino Médio completo, cujos sonhos se materializam na realização pessoal dos filhos. Isto significa dizer que suas expectativas se concentram em tudo de bom para eles seja por meio de um bom casamento, do estudo, de emprego, salário e aquisição da casa própria e do automóvel. Isso fica evidente com a seguinte expressão *“É uma vitória mesmo. Uma vitória ver meu filho ter o carro dele.”* (CRUZ, 2010)

Elas não pensam em estudar, iniciando do zero ou continuar de onde parou, garantindo e ocupando seu espaço na sociedade. Saindo do anonimato. Isso se deve principalmente, a aposentadoria que recebem de salário mínimo. Por isso, não se preocupam em estudar e se ocupar com outras atividades. O dinheiro da aposentadoria significa liberdade e independência financeira para este grupo de

mulheres que sempre dependeram das atividades agrícolas e das colheitas anuais para adquirir seus pertences pessoais, tais como roupas, calçado, perfume e outros objetos particulares.

Entretanto, há outro grupo de mulheres que estão ativas no mercado de trabalho independente se estão ou não aposentadas. Elas almejam uma formação para si mesma e por meio do trabalho em que atuam, vem contribuindo na sustentação dos filhos e dos gastos domésticos. Neste grupo está presente uma professora aposentada e empresária no setor educacional, uma professora universitária aposentada, uma professora universitária, duas funcionárias públicas e uma auxiliar de serviços gerais de uma empresa terceirizada.

Embora tenham suas vidas resolvidas econômica e socialmente, também são mulheres como as demais. A felicidade delas está literalmente ligada ao progresso dos filhos. Como de práxis as mulheres mães serão mães em todos os lugares e classes sociais. Sendo assim, aqui se confirma dados historiográficos brasileiros analisados por Saffioti (2013, p. 280) no que diz respeito à educação feminina pautada em elementos básicos que induziam ao casamento. A frase de (PERES, 2010) *“Eu vim com minhas filhas pequenas. Hoje elas são empresárias e eu tive a grande felicidade de que elas tendessem para o lado da educação”* é um exemplo deste modelo de formação direcionada as mulheres e fecha a reflexão sobre as mulheres migrantes que contribuíram para o desenvolvimento de Rolim de Moura.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos por meio dos relatos individuais e coletivos das colaboradoras resgataram situações que a teoria não havia registrado, por exemplo, as dificuldades na aquisição da terra, as origens da vila, o descrédito para com a região, as atividades desenvolvidas por estas mulheres e um breve relato da educação rolimourense, isto é, a prática da pesquisa in loco proporcionou descobertas sobre a cidade com um primor imenso, uma vez que a história necessita ser narrada por quem a viveu e conheceu detalhes do processo de ocupação, colonização e desenvolvimento da localidade estudada, neste caso,

Rolim de Moura, que tem contribuído no campo econômico e político, considerada hoje a “capital da Zona da Mata”.

A superação dos inúmeros problemas caracterizou estas mulheres migrantes em “destemidas pioneiras”, que por meio do trabalho braçal construíram o espaço rural e urbano rolimourense. Essa presença migratória primou direta ou indiretamente pela consolidação da história e da cultura local sendo que ambas estão em fase de organização. Isto é, a história de Rolim de Moura mesmo que lentamente, vem sendo resgatada, dando chance às mulheres que estão na região desde o processo de ocupação e colonização versar sobre os fatos ocorridos.

É pertinente destacar que o processo migratório contribuiu para a abertura das terras por parte de homens e mulheres, de acordo com a necessidade, além das atividades domésticas havia o trabalho na roça. Por outro lado, no núcleo urbano, houve a fixação de um comércio promissor que diretamente empregava e continua a oferecer no setor terciário vagas para as mulheres da região. Entretanto, há que se mencionar que em muitos casos, assim como em boa parte do século XX, como afirma Saffioti (2013, p. 340) elas se dedicam exclusivamente às atividades domésticas não diretamente remuneradas.

Ainda no que tange a participação das migrantes nas atividades econômicas e no mercado de trabalho, ressalta-se o grau de conhecimento das mesmas no que se refere ao papel da mulher na educação, sendo esta um processo de ensino aprendizagem a partir da realidade vivida dentro de um contexto em fase de estruturação, isto é, onde a estrutura oferecida era nula, exigindo destas profissionais múltiplas funções para que houvesse a superação dos problemas socioeconômicos.

Enfim, os relatos das colaboradoras resgataram situações que a teoria não havia registrado, ou seja, a prática da pesquisa in loco proporcionou descobertas sobre a cidade com um primor imenso, uma vez que a história necessita ser narrada por quem a viveu e conheceu detalhes do processo de ocupação, colonização e desenvolvimento da localidade estudada, neste caso, Rolim de Moura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, J. **Mata Virgem – Terra Prostituta**. Porto Velho: ABG Gráfica, 2004.

AZEVEDO, C. do A. **Dicionário de nomes e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Traduzido por André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: Texto Constitucional promulgado em 5 de Outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 2008.

DEL PRIORI, M. Mulheres Brasileiras: Uma certa história. *In*: DEL PRIORI, M. (Org.). **500 anos de Brasil: história e reflexões**. São Paulo: Scipione, 2000.

GALERIA dos pioneiros. *In*: **Idéias e Fatos** (revista mensal de reflexão e informação), Rolim de Mura: CARNEIRO, N. Paula (editor), Ano I, Nº 2, dezembro de 1998.

_____. *In*: **Idéias e Fatos** (revista mensal de reflexão e informação), Rolim de Mura: CARNEIRO, N. Paula (editor), Ano I, Nº 5, Março de 1999.

_____. *In*: **Idéias e Fatos** (revista mensal de reflexão e informação), Rolim de Mura: CARNEIRO, N. Paula (editor), Ano II, Nº 11, dezembro de 1999/Janeiro de 2000.

HALBWACH S, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2008.

KARNAL, L. & TATSCH, F. G. A Memória evanescente. *In*: PINSKY, C. B. & LUCA, T. R. de. (Org.). **O Historiador e suas fontes**. - São Paulo: Contexto, 2009.

KEMPER, L. **Cacoal sua História sua gente**. Cacoal: Grafopel Gráfica e Editora Ltda, 2002.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MONTENEGRO, A. T. **História e Memória a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2007.

NEVES, L. de A. **Memória, história e sujeito: substratos da identidade**. História Oral, 3, 2000, p. 109-16. Disponível em [http://www.http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&op=view&path\[\]=6&path\[\]=showToc](http://www.http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=issue&op=view&path[]=6&path[]=showToc). Acessada em 29 de Junho de 2014.

SAFFIOTI, H. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, M. A. A. De Colona à Boia-Fria. *In*: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVEIRA, D. T. & CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. *In*: GERHARD, T. E. & SILVEIRA, D.T. (Org.). **Método da Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOUZA, T. F. de. Contextualização Histórica das Mulheres Camponesas. *In*: SILVA, S. S. da.; CORREIA, J. C. B. & PINHEIRO, Z. (Org.). **Desemprego Urbano e a sua Face Rural**. Curitiba/PR: Editora CRV, 2012.